Quinta, 23 de dezembro de 2010, 08h09

Os melhores de 2010

Érico Nogueira
De São Paulo

Reprodução

"As almas que se quebram no chão", de Karleno Bocarro, é considerado por Érico Nogueira como um dos melhores livros de 2010

Este ano de 2010 foi um ano excelente para a poesia e a prosa de ficção, no Brasil. Os melhores? Bem, desde Kant a gente sabe que o juízo estético é um juízo fraco, ou seja, que esse negócio de avaliar o mérito artístico é algo que, no fundo, depende de valores extra-artísticos, e está longe de ser exato como um teorema. A solução de Kant foi engenhosa: para dizer "bom" ou "ruim", em arte, temos de relacionar a obra avaliada com a tradição que a precede. E é por isso que, a meu ver, o romance *As almas que se quebram no chão*, de Karleno Bocarro, e a recolha de poemas *O cânone acidental*, de Marco Catalão, podem considerar-se, vá lá, os melhores de 2010.

Explico-me: a obra nova e de fato relevante é como uma estrela que, aparecendo na constelação, muda o desenho que enxergávamos. O problema é que nunca houve tanto Virgílio, nunca houve tanto Flaubert como no Brasil de hoje: e, pois, como dizia o Raul, é muita estrela pra pouca constelação... Mas sigamos adiante.

A poesia de Marco Catalão se radica num profundo conhecimento dos clássicos, não só da língua portuguesa, e exibe um esmerado domínio da técnica: versos longos e curtos, rimados e brancos, tudo vem orquestrado numa música sutil, às vezes com muito bom humor, às vezes delicadamente, com muito lirismo. Lendo-a, não há como não se emocionar, e a gente é literalmente seduzido pelo uso exato da língua, por uma sensibilidade aguçada, e, *last not least*, pelo que os versos descobrem e mostram pra quem quiser ver: nós mesmos. "A poesia é uma das várias formas da autoconsciência", diz Geoffrey Hill, poeta inglês que eu não canso de citar. Catalão bem sabe disso, e parece trilhar essa via.

Já Karleno Bocarro, que vivia na Alemanha quando da queda do muro, escreveu um romance que veio mesmo pra chacoalhar o marasmo da nossa prosa de ficção. Fugindo da babação de ovo da tal prosa poética (argh!), do tom burocrático da literatura de advogado, do jargão de tese de semiótica disfarçada de romance, e do analfabetismo da pseudo-literatura neo-marginal, *As almas que se quebram no chão* é um romance avassalador, na esteira de Dostoiévski e do melhor beatnik norte-americano. Ambientado na Berlim do começo dos anos noventa, o livro conta a história de Marco, um estudante brasileiro perdido entre o velho e o novo regime, entre as drogas e a aspiração literária, e, com um estilo incisivo e quase bruto, é uma verdadeira experiência de "a vida como ela é".

Eleitos os melhores do Brasil, o que dizer do "mundo", ou, pelo menos, de parte do Ocidente? Não li romance estrangeiro publicado em 2010 - então não posso opinar. Mas li *Aroma*, do poeta alemão Durs Grünbein, o qual, segundo dizem por lá, seria o novo Goethe, ou algo assim. Hipérboles à parte, *Aroma* é de fato um marco da poesia ocidental. É "o" livro do ano. Mas pouco se lê poesia no Brasil - e menos ainda em alemão, não é?

Feliz Natal, e um excelente 2011 a todos. Volto em fevereiro. Fui!

Érico Nogueira *é poeta e tradutor, autor de* Dois *(2010) e* O livro de Scardanelli *(2008). Escreve semanalmente no* Ars poetica, *blogue de poesia.*

Fale com Érico Nogueira: nogueira.erico@terra.com.br